

Fases Administrativas de Corupá:

- a) **de 1897 a 1908:** Hansa Humboldt dependia diretamente do município de Joinville através da Sociedade Colonizadora Hanseática que substituiu a Sociedade Colonizadora de Hamburgo;
- b) **de 1908 a 1934:** dependia do município de Joinville na qualidade de Distrito. O prefeito de Joinville nomeava um representante seu, denominado Intendente Distrital, para governar Hansa, que tinha certa autonomia, mas prestava contas ao governo municipal de Joinville a cujas leis estava sujeito;
- c) **de 1934 a 1958:** o Distrito de Hansa passou a orbitar na esfera do governo municipal de Jaraguá do Sul;
- d) **de 1958:** aos dias atuais Corupá já é um município, com governo municipal próprio. Sua criação é firmada pelo decreto de lei estadual de 21/06/1958. (KORMANN, 1985)

Um relato da chegada à Colônia de Hansa Humboldt

Otto Hilbrecht Filho diz em seu relatório, aqui apenas em síntese.

“No dia 30/06/1897, eu e meu pai, chegamos a São Francisco do Sul. Conosco vieram Wilhelm Ehrhardt e sua esposa Dorothea e um suíço que permaneceu em Joinville e nunca mais ouvimos falar nele.

Fomos recepcionados pelo Diretor da Colônia, Axel von Diringshofen e acomodados no galpão de imigrantes. Como éramos apenas quatro pessoas o Diretor achou perigoso irmos à Colônia de Hansa Humboldt. Mas foi-nos dito que o receito do Diretor não tinha fundamento e que não seríamos molestados por bugres e tígres.

Axel von Diringshofen nos propôs que conhecêssemos Joinville e pôs à disposição uma carroça. Mas dia 2 de julho, em companhia de Georg Czerniewicz e Olavo Hygon, partimos até o porto do Itapocu e de lá para Hansa, em Jaraguá, de canoa.

Na barra da confluência dos rios Humboldt e Novo desembarcamos e passamos pelo picadão recém-aberto, hoje Avenida Getúlio Vargas, até o galpão dos imigrantes onde fomos recebidos pelo agrimensor Eduard Krisch. O galpão era aberto e os trabalhadores estavam rachando palmitos para fechá-lo com ripas.

Na chegada ao rancho do imigrante fomos servidos com prato nacional: feijão e farinha de mandioca. Não era do nosso gosto, mas estávamos com fome.

Após este almoço fizemos o reconhecimento da nova Colônia de Hansa. Foi rápido. Só havia dois mornos desmatados para futuras roças ao redor do galpão. Vimos outra roça, no outro lado do Rio Novo, hoje Rua Roberto Seidel esquina com a Rua João Tossini. Era roça de canoieiros que atendiam o transporte pelo rio. Eram os David de Paula, Rafael Minatie, Francisco Bagatole e outros.

No dia 7 de julho o Sr. Eduard Krisch apresentou-nos os títulos provisórios dos lotes 6 e 7 por nós escolhidos, O Sr. Ehrhardt escolheu os lotes 2 e 3.

Após nos acomodarmos no galpão de recepção iniciamos a derrubada da mata de nossa colônia. Usamos facões, machadinhas e machados mesmo com muitas dificuldades e com bolhas nas mãos foi-nos possível limpar alguns mornos. A derrubada ficou mais fácil quando um alemão, trabalhador na abertura das picadas de Brüdertal, entre Joinville e Guarimirim, nos emprestou uma foice e depois mais outra.

O que foi difícil no primeiro ano, era conseguir alimentos. Dependia-se da turma de agrimensores quando eles, de tempos em tempos, navegavam numa canoa pelo Itapocu. Tínhamos que aproveitar a oportunidade e pedir que trouxessem as mercadorias. Às vezes acontecia de a canoa virar e as mercadorias se encharcavam. Tínhamos que secar o arroz que ficava em sacos molhados por um ou dois dias e comê-lo assim mesmo.

Quando em dezembro de 1897 até 1899 chegaram mais imigrantes a direção da colônia reservou uma canoa só para buscar alimentos com canoieiros próprios. O canoieiro era por nós chamado de Botsmann. Ao mesmo tempo também mandaram apressar a construção da estrada para transporte a carroça. O casal Ehrhard logo abriu a primeira loja para que nós pudéssemos comprar gêneros alimentícios aqui mesmo. Esta loja foi depois comprada por Georg Czerniewicz de Jaraguá.

O Sr. Georg Czerniewicz transferiu a casa comercial para outra casa maior mais para o centro de hoje. Mais tarde esta casa comercial foi comprada por Heinrich Meyer de Joinville que aqui abriu sua filial em 1899 que foi gerenciada por Leo Eschweiler e depois por mim mesmo e acabei por comprá-la.” (KORMANN, 1985: pg.36-37)

Origem dos Nomes:

Humboldt: homenagem ao grande explorador alemão, Alexandre von Humboldt

Hansa: hansa se chamavam as antigas ligas germânicas para fins econômicos

Bompland: homenagem ao companheiro de Humboldt em todas suas viagens de exploração.

Corupá: mudança do nome da cidade em 1º de janeiro de 1944, consequência da II Guerra Mundial, pois os alemães foram perseguidos no Brasil. Termo indígena que se compõe, por justaposição, de dois outros: “coru” que significa paradeiro e “pa” que traduz areia ou pedra miúda. Assim Corupá significa paradeiro de seixos.

Itapocu: existem diversas hipóteses para este nome: pedra alta (itapucu em tupi-guarani), Pedra-côncava (itapicu), Pedra coprida (itapocu), Pedra (onde a água) estrongeia grandemente (itá=pedra, poc=estalar, u=grande), pedra que rebentou a lagoa (itapocu)

5.2. HIERARQUIA DAS VIAS

A análise da hierarquia das vias se restringiu ao perímetro urbano do município, que é o local onde há uma ocupação mais densa, sendo que o interior do município se caracteriza por uma ocupação bastante linear com grandes propriedades ao longo dos eixos de acesso.

Para facilitar a compreensão da hierarquia das vias, foi utilizada a seguinte nomenclatura:

- **Vias arteriais** (rodovia) predomina a função de circulação, privilegiando a fluidez do tráfego. É o acesso à cidade e a municípios vizinhos.
- **Vias coletoras** as funções de circulação e acesso aos imóveis se equilibram. Esse tipo de via se subdivide em níveis 1 e 2, sendo que o primeiro apresenta maior importância para a circulação e geralmente serve como conexão para as vias coletoras de nível 2.
- **Vias locais** função principal de acesso aos imóveis lindeiros.

Os principais eixos de expansão do município se referem ainda àqueles utilizados no período da colonização, ou seja, às ruas Roberto Seidel, Otto Hilbrecht, Ano Bom, Francisco Mees, João Tozini, Pedra de Amolar e Itapocu. Estas vias são caracterizadas como vias coletoras. A ocupação ao longo destes eixos se deve aos fatores do relevo e hidrografia, pois Corupá está localizada no pé da Serra do Mar, sendo envolta por mornos ainda cobertos pela vegetação nativa. Assim, a ocupação se estabelece nas áreas mais planas e mais aptas, por entre os vales.

Além da fragmentação da malha urbana causada pelo relevo, a rodovia BR-280 atravessa o perímetro urbano, seccionando-o ainda mais. Entretanto, é uma via importante de ligação do município com o restante da região e principalmente com o porto de São Francisco do Sul. Esta via foi classificada como via arterial, pois além dessas conexões acima descritas, ela proporciona um tráfego interno, entre bairros. Este é um ponto que deve ser ressaltado, pois este cruzamento de funções tráfego pesado e rápido junto ao tráfego local se torna perigoso para a população do município.

As vias locais se mostram como as mais frequentes nesta hierarquia. São geralmente simples ramificações das vias coletoras, muitas sem saída. O Centro é uma das poucas áreas onde as vias locais formam uma malha mais interligada, formando um circuito. Podemos perceber estas características também no bairro do Seminário, entretanto há muitas vias que ainda apresentam uma ligação apenas com a via principal, sem a formação deste circuito.